



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.9, jan./jun.2011



QUANDO O RELATO É O PRINCIPAL SUSPEITO...: UMA LEITURA DE *BORGES E OS ORANGOTANGOS ETERNOS*, DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

When the report is the main suspect...: a reading of *Borges e os Orangotangos Eternos*,
by Luis Fernando Veríssimo

Isis Milreu

(Doutoranda — UNESP; Docente — UFCG)

RESUMO

A proposta deste trabalho é refletir sobre alguns pontos caros para a literatura contemporânea a partir de elementos do romance *Borges e os orangotangos eternos* (2000), de Luis Fernando Veríssimo. Nesta narrativa, Veríssimo ficcionaliza um dos maiores autores do século XX, construindo um relato focado no fazer literário, o que nos permite discutir, entre outras questões, a função da literatura, o papel do leitor e do autor, bem como a construção do cânone literário. Desta maneira, por acreditarmos que o referido texto de Veríssimo possui uma grande riqueza poética, além de seu caráter metaficcional, nos propomos a usá-lo como base para nossas reflexões sobre a produção literária na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura contemporânea; Borges
personagem; metaficção

RESUMEN

La propuesta de nuestro trabajo es reflexionar sobre algunos puntos caros a la literatura contemporánea a partir de elementos de la novela *Borges e os orangotangos eternos* (2000), de Luis Fernando Veríssimo. En esta narrativa, Veríssimo ficcionaliza uno de los mayores autores del siglo XX, construyendo un relato centrado en el hacer literario, lo que nos permite discutir, entre otras cuestiones, la función de la literatura, el papel del lector y del autor, tal como la construcción del canon literario. De esta manera, por creer que el referido texto de Veríssimo posee una gran riqueza poética, además de su carácter metaficcional, nos proponemos a usarlo como base para nuestras reflexiones sobre la producción literaria en la contemporaneidad.

PALABRAS-CLAVE

Literatura contemporánea; Borges
personaje; metaficción.

Considerações iniciais

Embora a conversão de escritores em personagens não seja uma prática recente na literatura ocidental, um rápido olhar para as publicações das últimas décadas indica que há uma crescente tendência na produção literária contemporânea de ficcionalizar escritores. Acreditamos que este fenômeno proporciona um produtivo diálogo entre estes autores e a obra dos escritores literaturizados, bem como com a própria história da literatura, conforme aponta Antonio Roberto Esteves em seu livro *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*:

Escrever a história da literatura a partir da própria literatura é um caminho bastante usado pela metaficção historiográfica. Evidentemente, nesse contexto a intertextualidade se faz não apenas com a escrita do próprio escritor protagonista da obra, mas também com toda a historiografia da literatura do período em que se insere o escritor. Além disso, na maior parte das vezes, também discute importantes questões literárias, como a construção do cânone literário ou o papel do leitor e da crítica na construção e manutenção desse cânone. (ESTEVES, 2010, p.123)

Neste sentido, ficcionalizar um escritor é uma forma de convidar o leitor a refletir sobre importantes temas literários. Como enfatiza Esteves (2010), a escrita da história da literatura a partir da própria literatura é um exercício frequente da metaficção historiográfica. Apesar de não definir didaticamente o conceito de metaficção historiográfica, Linda Hutcheon sugere que este tipo de narrativa pode ser visto como “aqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente autorreflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos”. (1991, p.21) Nestas obras há, entre outras características, um intenso jogo narrativo, marcado pela reflexão sobre o fazer literário e por alguns recursos estilísticos, tais como a intertextualidade, a paródia e o pastiche, o que

proporciona uma forte interpenetração entre as mais variadas linguagens artísticas. Ainda que este tipo de literatura tenha recebido diversas críticas, é inegável que a metaficção historiográfica possui uma forte presença no cenário literário contemporâneo.

Uma obra que pode ser vista sob esta ótica é *Borges e os orangotangos eternos* (2000), do escritor gaúcho Luis Fernando Veríssimo, que converte em objeto literário Jorge Luis Borges, um dos maiores autores do século XX, segundo vários críticos. Acreditamos que ao literaturizar um destacado escritor e utilizar vários recursos metaficcionais na construção de seu texto, Veríssimo oferece uma excelente fonte de reflexão sobre algumas questões fundamentais da produção literária atual. Por isso, neste trabalho nos propomos a examinar a referida narrativa do escritor gaúcho não só a fim de refletir sobre alguns aspectos relevantes da construção desta obra, mas empregando-a para tecer algumas considerações sobre a literatura contemporânea.

Investigando o relato

Luis Fernando Veríssimo é visto, em geral, como um prolífico escritor de crônicas e textos humorísticos. Entretanto, há outras facetas do autor gaúcho, filho de outro renomado escritor brasileiro, Érico Veríssimo, que são pouco conhecidas, uma vez que ele também é músico, cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro e romancista. Por ter publicado mais de cinquenta títulos e devido ao grande sucesso de vendas de suas obras, é considerado um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos.

Entre os múltiplos ofícios de Veríssimo apresentados anteriormente, nos interessa, neste estudo, refletir sobre o seu trabalho de romancista. A primeira coisa que nos chama a atenção é o fato de que, após dedicar-se exclusivamente às narrativas breves por um longo período, no final do milênio o escritor gaúcho inicia sua produção romanesca a partir da encomenda de editoras brasileiras. A exceção é a sua última publicação *Os espiões* (2009), elaborada por sua iniciativa. Outra marca na construção de seus romances é a

apropriação de elementos típicos da narrativa policial, um gênero da literatura de massa. Além disso, não podemos deixar de mencionar que em suas obras romanescas a literatura ocupa um papel de destaque.

Ao examinarmos este processo de escrita da maioria dos romances de Veríssimo é inevitável não questionarmos o papel que o escritor desempenha no mundo contemporâneo, já que escrever a partir de uma solicitação de outros sugere que o processo intelectual perca a sua autonomia, tornando-se uma mera mercadoria. Neste sentido, o escritor pode ser visto como um simples operário das letras, com a função de fabricar ficções para o mercado sob determinadas normas. Todavia, o autor gaúcho não compartilha deste ponto de vista, uma vez que, em diversas entrevistas, afirmou ver a encomenda literária como uma forma de desafio para o escritor, pois, em sua opinião, o resultado final é mais importante do que a gênese de um livro.

Entre as narrativas que Veríssimo escreveu sob encomenda sobressai-se *Borges e os orangotangos eternos* (2000), elaborado para a série "Literatura ou Morte", da editora Companhia das Letras. Desta forma, ao aceitar o desafio do editor Luiz Schwarcz, o escritor gaúcho produz um romance que integra uma coleção composta por sete obras em que destacados escritores seguiram duas regras básicas: a existência de um crime no enredo e o nome de um autor consagrado já falecido no título. Sendo assim, é evidente que o estabelecimento destes padrões por parte do editor fará com que o autor siga determinados caminhos para a construção do seu texto, conforme se verifica na leitura da série em questão. Partindo deste pressuposto, acreditamos que a primeira regra da referida encomenda, a presença de um crime, inevitavelmente, levará o escritor a se aproximar do romance policial. Já a segunda norma o conduzirá a utilizar-se de procedimentos típicos da metaficção historiográfica, tais como a intertextualidade e a paródia. Também não podemos deixar de mencionar que o uso de um gênero da literatura de massa, como é o caso da narrativa policial, para abordar um tema considerado culto, a ficcionalização de um escritor canônico, desconstrói a fronteira entre o que se

convencionou chamar de cultura “alta” e “popular”, uma das marcas da escrita pós-moderna.

Tendo em vista nossas considerações anteriores, constatamos que, ao encomendar um trabalho ficcional que precisa enquadrar-se em regras pré-estabelecidas, o editor, além de ser um leitor privilegiado devido ao fato de determinar a publicação de um livro, também pode ser visto como co-autor, pois influenciou a criação da obra. Por outro lado, ainda que o processo descrito anteriormente seja passível de diversos questionamentos, é incontestável que a encomenda de livros é uma prática comum na contemporaneidade. Também não podemos negar que surgiram excelentes textos ficcionais a partir da solicitação de editores, como é o caso do romance de Veríssimo, tema central de nossa análise, que se destacou em diversos níveis. Comercialmente, basta assinalarmos que a narrativa foi a mais vendida da coleção “Literatura ou morte”, tendo sido até reeditada em 2009. No tocante ao seu reconhecimento público, além do êxito de vendas, é importante registrar que *Borges e os orangotangos eternos* (2000) recebeu o prêmio Jabuti 2001 de Melhor Livro de Ficção Eleito pelo Júri Popular e que foi traduzida ao espanhol em 2005. Já no âmbito acadêmico, a obra de Veríssimo foi alvo de vários textos críticos e continua gerando diversos estudos, provocando dissertações e teses.

Com o fim de compreender melhor o êxito de *Borges e os orangotangos eternos* (2000), assinalaremos alguns fatores que podem ter contribuído para o bom resultado desta narrativa. Entre eles, podemos apontar o renome de seu autor, Luis Fernando Veríssimo, a escolha de um complexo e canônico escritor e a forma como a narrativa foi construída. Quanto ao primeiro ponto citado, pensamos que a estratégia do editor Schwarcz de encomendar obras sobre autores consagrados a escritores destacados permite que se estabeleça uma problematização do cânone literário. Assim, quando Veríssimo aceita a proposta do editor e ficcionaliza Jorge Luis Borges ele está legitimando este autor, ao mesmo tempo em que se insere no processo de canonização literária, dado que a encomenda foi feita a importantes escritores contemporâneos. Desta

maneira, estabelece-se uma dupla legitimação. Sobre a opção do escritor gaúcho de literaturizar o famoso autor argentino, considerado um dos principais nomes da literatura do século XX, acreditamos que há várias explicações possíveis. Uma hipótese é o fato de Veríssimo ter escolhido converter Borges em objeto literário para uma homenagem tardia, já que no ano anterior da publicação de seu livro comemorou-se o seu centenário de nascimento. Outra suposição é a imensa complexidade do personagem histórico Jorge Luis Borges, pois sabemos que suas contradições são excelentes materiais para a ficção, as quais foram exploradas em diversas produções literárias, e, entre elas, algumas crônicas do escritor gaúcho. Por fim, não podemos deixar de registrar que o uso de uma estrutura popular para falar de uma temática vista como erudita, repleta de elementos humorísticos, construída de forma fragmentada e com um ritmo acelerado, contribuiu para o sucesso do livro de Veríssimo, uma vez que estas características camuflam a complexidade e a riqueza poética do relato.

Após estas reflexões sobre o processo de criação e a repercussão de *Borges e os orangotangos eternos* (2000), passaremos a examinar algumas questões relacionadas à construção deste romance. Para isso, iniciaremos nossa análise com uma breve apresentação do enredo da narrativa de Veríssimo que tem como narrador e personagem principal Vogelstein, um professor, escritor e tradutor literário, morador de Porto Alegre. De acordo com o relato do protagonista, o seu principal sonho é conhecer Jorge Luis Borges, com o qual tivera desentendimentos por modificar, através de uma tradução infiel, o final de um de seus contos. Este incidente ocorreu, segundo o narrador, no início da carreira de Borges, quando sua produção literária era quase desconhecida fora de seu país e escassamente divulgada na Argentina. Devido à carta de protesto enviada pelo escritor argentino, Vogelstein informa-se sobre ele, lê sua obra, é seduzido pela poética borgeana e passa a idolatrar o seu autor. Assim, suas pesquisas sobre o escritor e as posteriores leituras de suas obras fazem com que reconheça o seu erro e tentar desculpar-se com Borges por meio de cartas e até de uma infrutífera visita a Buenos Aires. Vale a

pena mencionar que o protagonista também se apresenta como autor, dado que declara ter enviado três contos para o escritor argentino.

Embora o leitor seja informado de todo o contexto que permeia a relação entre os dois escritores através de um relato posterior dos acontecimentos descritos, é importante destacar que a ação narrativa ocorre, predominantemente, no ano de 1985, um ano antes da morte do personagem histórico Jorge Luis Borges, o que garante a verossimilhança da história. Vogelstein está novamente em Buenos Aires, pois um congresso sobre Edgar Allan Poe que, tradicionalmente, era realizado na Europa, foi transferido para lá. Desta vez, consegue encontrar o autor argentino, além de envolver-se em um crime, visto que um dos congressistas é assassinado e ele é considerado uma testemunha chave para o esclarecimento do crime, dado que participou da descoberta do seu corpo e detém o monopólio das informações. Surge então a oportunidade de frequentar a biblioteca de Borges, já que no romance o personagem ajudava a polícia argentina a desvendar enigmas. Deste modo, Vogelstein não só realiza o seu sonho, mas também consegue ser tratado como um igual por seu ídolo, visto que os dois encaram a investigação apenas como um pretexto para se encontrarem e discutirem questões literárias. Assim, percebemos que nenhum dos dois personagens está realmente interessado em desvendar a misteriosa morte do congressista, uma vez que o protagonista modifica diversas vezes a sua descrição dos fatos e Borges acompanha-o neste processo de construir versões do que poderia ter ocorrido. Ao agirem desta maneira, deixam a solução do enigma de escanteio e situam o exercício ficcional no centro do romance.

Tomando por base esta síntese, percebemos que o tema principal de *Borges e os orangotangos eternos* (2000) é a literatura, uma vez que Veríssimo, por meio da literaturização de um célebre autor, coloca em cena um intelectual brasileiro que participa de um congresso sobre outro renomado escritor. Portanto, é notório que neste romance a literatura se debruça sobre si mesma e podemos inseri-lo na categoria das metaficções historiográficas, pois

ficcionaliza um personagem histórico, reflete sobre o fazer literário e apresenta vários recursos estilísticos característicos deste tipo de relato. Por acreditarmos que esta obra pode proporcionar algumas reflexões sobre a literatura contemporânea, a seguir examinaremos mais detidamente alguns elementos da referida narrativa.

Em nossa opinião, um dos fatores que contribuem significativamente para a riqueza poética do romance de Veríssimo é a existência de uma vasta rede intertextual, pois o uso de citações e de referências a escritos de outros autores, presente desde o título da narrativa, passando pela epígrafe e pelo corpo do texto, acentua a leitura desta obra como um diálogo literário. Assim, através da exploração de diversos elementos intertextuais em sua obra, o escritor gaúcho conecta sua narrativa com a produção literária contemporânea, dado que a intertextualidade é uma característica presente em muitos textos literários atuais, além de retomar o princípio borgeano de literatura como obra única. Neste sentido é possível entendermos o diálogo que o autor de *Borges e os orangotangos eternos* (2000) estabelece entre o escritor argentino e Poe, entre outras relações intertextuais, como uma forma de discutir uma questão vigente na contemporaneidade: a apropriação de textos alheios como uma maneira de intensificar o diálogo entre obras, visto por muitos como a base da literatura.

Outro ponto que acreditamos ser relevante para a compreensão da narrativa de Veríssimo diz respeito à estrutura do romance. Esta obra, dividida em sete capítulos, foi construída de maneira retrospectiva, já que o narrador escreve o seu texto a partir da solicitação de Borges. Assim, o protagonista teria a oportunidade de, ao colocar no papel os acontecimentos que presenciou, recordá-los e, portanto, compreendê-los melhor. Eis a explicitação da concepção de escrita como uma forma de ordenar o caos da vida. Entretanto, apesar desta proposta do narrador-personagem, o leitor entra em contato com um texto em que predominam várias versões sobre o mesmo acontecimento, expostas nas diferentes partes do livro. Desta maneira, ele é convidado a

adotar uma postura ativa na leitura da referida narrativa, já que terá que construir a sua versão dos fatos relatados ao se deparar com um “narrador inconfiável”. Neste sentido, *Borges e os orangotangos eternos* (2000) exige um leitor que se comporte como um detetive, visto que ele terá que investigar não só as diferentes histórias que o protagonista lhe apresenta, mas também confrontá-las com a versão exposta pelo personagem Borges, o qual, além de destinatário do texto e, portanto, um leitor, também foi convertido em narrador, uma vez que cabe a ele dar a última palavra no romance. Precisamos lembrar que esta concepção de leitor-detetive nos remete a um dos elementos fundamentais da poética borgeana, dado que ela baseia-se na leitura. Deste modo, tanto para compreender o romance de Veríssimo quanto a obra de Borges, é fundamental que o leitor seja atuante e aceite o desafio de mergulhar em outros textos. Por isso, vale reiterar que o ritmo acelerado da narrativa do escritor gaúcho, bem como sua estrutura fragmentada e o uso do humor disfarçam sua complexidade e sua alta qualidade estética e literária, características que só podem ser descobertas por um leitor-detetive.

Tais observações nos levam a sustentar que o leitor de *Borges e os orangotangos eternos* (2000), que deseja compreender a narrativa de forma ampla, não pode restringir suas investigações apenas ao jogo intertextual ou à estrutura da obra, mas deve considerar o relato como extremamente suspeito. Neste romance Vogelstein escreve, supostamente, para recordar acontecimentos que presenciou, e, após concluir a sua narração, deixando diversos vestígios de que está mentindo, passa a palavra a Borges, o qual desconstrói o seu relato, desmascarando-o. Esta disputa pode instigar o leitor a fazer uma releitura da obra de Veríssimo a fim de confrontar as versões dos narradores. Ao reler o romance do escritor gaúcho é possível constatar que as pistas deixadas por Vogelstein e que foram usadas por Borges para desmontar a sua versão dos acontecimentos estão todas no texto. Então, o leitor é tentado a acreditar no relato de Borges, porém se considerar que ele se define como um “farsante que lhe escreve” (VERÍSSIMO, 2000, p.123), terá que construir a

sua própria interpretação dos acontecimentos, visto que os dois narradores são inconfiáveis. Como vimos, nesta obra há um intrincado jogo narrativo que começa desde as suas primeiras linhas:

Tentarei ser os seus olhos, Jorge. Sigo o conselho que você me deu, quando nos despedimos: “Escreve, y recordarás”. Tentarei recordar, com exatidão desta vez. Para que você possa enxergar o que eu vi, desvendar o mistério e chegar à verdade. Sempre escrevemos para recordar a verdade. Quando inventamos, é para recordá-la mais exatamente. (VERÍSSIMO, 2000, p.13)

A partir da leitura deste fragmento percebemos que o narrador-personagem se propõe a lembrar “com exatidão” os fatos que presenciou para que Borges pudesse solucionar um enigma. Deste modo, este trecho funciona como uma espécie de antecipação do relato, pois revela que há um mistério a ser esclarecido, que houve um encontro entre o protagonista e Borges, bem como uma despedida, além de revelar a proximidade entre os dois devido ao tratamento íntimo, Jorge, utilizado pelo narrador. Acreditamos que o recurso de adiantar acontecimentos que serão relatados posteriormente é uma forma de cativar o interesse do leitor pelo romance, uma vez que este somente depois de completar a sua leitura conseguirá elucidar o início da obra.

Não podemos deixar de mencionar que o fato de Vogelstein escrever para recordar nos remete a uma das discussões frequentes na literatura contemporânea: o uso da escrita para o resgate do passado. Entre outros autores que se dedicaram ao referido tema, destaca-se Linda Hutcheon (1991) para quem a única forma de termos acesso ao passado é através de textos. Embora a textualização do passado pela literatura seja um fenômeno marcante nas produções ficcionais atuais, vale registrar que a reconstrução de acontecimentos históricos é permeada pela subjetividade de cada autor, o que impossibilita um relato imparcial dos fatos. Neste sentido, se considerarmos que o protagonista escreve para “chegar à verdade”, é inevitável mencionar a famosa sentença de Hutcheon (1991), segundo a qual na pós-modernidade não há verdades absolutas, mas somente versões. Esta impossibilidade de uma

reconstrução objetiva da história está presente no romance de Veríssimo, dado que o narrador apresenta várias versões para os acontecimentos que relata. Deste modo, é preciso ressaltar que esta temática foi intensamente explorada por Jorge Luis Borges que problematizou a relação entre ficção e história em diversos escritos. Ao explorar os labirintos da memória, demonstrando que o ato de recordar nunca é confiável, o escritor argentino converteu o referido tema em uma marca de sua poética.

Ademais dos elementos que já examinamos, o trecho destacado também nos convida a refletir sobre o conceito de verdade na produção literária contemporânea. O prêmio Nobel Vargas Llosa foi um dos autores que examinaram esta complexa questão. Entre outras considerações, o escritor peruano afirma que:

[...] las novelas mienten – no pueden hacer otra cosa - pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo, expresan una curiosa verdad, que sólo puede expresarse disimulada y encubierta, disfrazada de lo que no es". (VARGAS LLOSA, 1990, p.6)

Deste modo, o papel do leitor-detetive torna-se fundamental, uma vez que ele deverá desvelar a verdade, ou verdades, que os romances contemporâneos ocultam. No caso específico do romance de Veríssimo esta problemática é apresentada, como vimos, desde o início do relato, uma vez que o protagonista se propõe a ser os olhos de Borges. Em uma primeira leitura, o leitor pode pensar que Vogelstein está se referindo à cegueira física do personagem histórico Jorge Luis Borges. Entretanto, quando analisamos o romance é possível inferirmos que ele está, na verdade, se reportando ao fato de ter presenciado a descoberta do corpo do congressista assassinado. Porém, se pensarmos no contexto e nas características da escrita ficcional contemporânea, também é possível considerarmos que seja mais uma explicitação do fato de o protagonista tentar mostrar a sua versão dos fatos, a sua verdade, ou seja, levar Borges, metáfora do leitor-detetive, a enxergar o que ele viu a partir de sua perspectiva.

Como vimos, esta aspiração do protagonista não é concretizada, pois, em uma atitude dialógica, resolve dar a última palavra do relato a Borges, que, seguindo os rastros que Vogelstein deixou ao longo da narrativa, desmascara-o. Cabe destacar que a conversão do personagem em narrador ocorre no penúltimo capítulo do romance de Veríssimo, uma espécie de prestação de contas para Borges, visto que o texto foi elaborado a partir de sua solicitação. Nesta parte da obra o protagonista aborda novamente o seu processo de escrita, remetendo o leitor ao início da narrativa: “Escrevi para recordar e, como você viu, ou como viram para você, fiz um livro do que recordei - com epígrafe e tudo! Um livro dos nossos encontros, para você recordar também, Jorge” (VERÍSSIMO, 2000, p.115).

Deste modo, além de convidar o leitor a retornar ao começo do relato e ser um claro exemplo de exercício metaficcional, consideramos que este trecho também pode ser visto como a exploração de um dos elementos característicos da escrita borgeana: a circularidade da narrativa.

Neste ponto, não podemos deixar de registrar que a conversão de Borges em narrador foi feita de forma intencional por Vogelstein, o qual justifica a sua conduta declarando que dar a palavra final do relato a ele seria uma maneira de redimir-se do incidente que tiveram alguns anos atrás. Portanto, é possível pensarmos que sua função é problematizar a noção de autoria, uma temática bastante discutida na contemporaneidade e retomada pela ficção do escritor gaúcho:

É muito raro, nas tortuosas relações entre o autor e suas criaturas, um personagem receber a incumbência de escolher o fim da história. Mas desconfio que a única conclusão possível é a que você determinou desde o começo: nunca escapamos do autor, por mais generoso ou penitente que ele pareça. (VERÍSSIMO, 2000, p.119)

Ao lermos este fragmento, percebemos que há uma supervalorização da figura do autor, já que o personagem afirma não ser possível livrar-se dele. Deste modo, retoma-se a concepção borgeana de autor como Deus, criador de vários universos, a qual já havia aparecido em outras partes do romance.

Analisando este tópico, precisamos lembrar que é através das pistas fornecidas por Vogelstein, metáfora de autor, em seu relato, que Borges consegue decifrar o mistério. Da mesma maneira, também é relevante o fato de ter sido ele quem deu a palavra final do seu relato ao personagem. Entretanto, embora este trecho sugira ser impossível escapar da figura do autor, a representação de Borges como um leitor-detetive e, posteriormente, como um narrador e, portanto, como um autor, sugere que o leitor também pode construir sua interpretação do romance e, conseqüentemente, tornar-se um autor. Para isso terá que agir como o personagem e seguir os vestígios que o protagonista deixou em sua narrativa e considerar que a elucidação do enigma está no relato.

Em seu processo de investigação, o leitor-detetive não pode perder de vista que os rastros deixados pelo narrador-personagem estão relacionados a outros textos literários. Isto exigirá que ele se volte para a literatura a fim de esclarecer o mistério que o relato Veríssimo oculta. Sua busca poderá levá-lo a constatar que a existência de um crime foi um simples pretexto usado pelo escritor gaúcho para discutir importantes questões literárias. Sob esta perspectiva, deverá iniciar o seu trabalho tendo como base o princípio de que “As soluções estão sempre nas bibliotecas” (VERÍSSIMO, 2000, p. 66), o que o levará a agir como Borges e procurar pistas nas histórias de outros autores. Neste ponto, é preciso assinalar que não é gratuito o fato de grande parte da ação narrativa estar localizada na biblioteca de Borges, dado que este espaço pode ser visto como sinônimo de literatura, além de fazer referência a outro elemento recorrente da poética borgeana: a concepção de biblioteca enquanto universo. Deste modo, reiteramos que o principal tema de *Borges e os orangotangos eternos* (2000) é a literatura e esta deve ser o foco da investigação do leitor-detetive interessado na produção literária contemporânea.

Considerações finais

Como vimos, *Borges e os orangotangos eternos* (2000), por debruçar-se sobre a literatura a partir da ficcionalização do escritor Jorge Luis Borges, nos proporciona vários elementos de reflexão sobre o fazer literário na contemporaneidade. Neste sentido, por meio da obra de Veríssimo, dado que ela possui diversas marcas comuns à estética do que se convencionou chamar de pós-modernismo, e, portanto, de grande parte da produção literária contemporânea, é possível discutirmos algumas questões centrais da ficção atual, tais como a função da literatura, o papel do leitor e do autor, bem como o processo de construção e manutenção do cânone literário. Assim, notamos que o leitor ocupa um papel de destaque na literatura atual, pois ele não pode mais ser ingênuo e precisa desconfiar de tudo, principalmente do relato. Essa condição leva-o a agir como um leitor-detetive que deve decifrar as entrelinhas do texto literário para compreendê-lo, além de ser convertido em autor, visto que terá que construir a sua versão do relato em muitas obras pós-modernas. Desta maneira, o papel do autor também é questionado, já que ele divide a função criativa com os leitores e não é mais visto como um Deus, embora continue a ser importante. Em relação ao processo de construção e manutenção do cânone literário, percebemos que o romance de Veríssimo nos sugere que quando um escritor cria uma obra a partir de um autor renomado há uma legitimação mútua. E, talvez, seja esta uma das razões pelas quais tem ocorrido um significativo aumento de produções literárias que ficcionalizam escritores. Porém, não podemos nos esquecer de que o processo de construção e de manutenção da canonização de um escritor depende da atuação do leitor. Desta maneira, acreditamos que o grande desafio da produção literária contemporânea é seduzir leitores e sua principal função é gerar discursos ficcionais. E, neste ponto, a literatura é uma fonte privilegiada e pode alimentar muitos textos literários.

Para encerrarmos este trabalho, apresentamos a seguir a nossa leitura de *Borges e os orangotangos eternos* (2000). Entre outras possíveis

interpretações, pensamos ser possível ver o romance de Veríssimo como uma homenagem a Jorge Luis Borges e, por extensão, à própria literatura. Acreditamos que ao parodiar a estrutura policial clássica, construindo uma vasta rede intertextual, o escritor gaúcho instiga o leitor a fazer outras investigações literárias, eternizando os orangotangos ficcionais. Neste sentido, as diversas referências a Borges ou a elementos de sua poética podem provocar os leitores a se aproximarem de suas produções ficcionais e, deste modo, mantê-lo vivo mediante a leitura de suas obras. Por isso, em nossa opinião, o principal mérito deste romance é a desmistificação do personagem histórico Jorge Luis Borges, o qual é humanizado e, portanto, fica mais próximo do leitor que pode sentir-se incentivado a (re) descobrir a obra ficcional borgeana. Desta maneira, é interessante registrar que, além de exercer o papel de leitor-detetive na maior parte da narrativa, a humanização de Borges atinge o clímax quando ele, assim como o leitor ingênuo, é enganado pelo narrador inconfiável, mostrando não ser infalível e, portanto, humano. Sendo assim, pensamos que há uma possibilidade de ocorrer um processo de identificação entre o leitor e o personagem, o que pode levar muitos leitores a agirem como Vogelstein e penetrarem na biblioteca de Jorge Luis Borges. Em suma, no nosso papel de leitor-detetive, defendemos que a narrativa de Veríssimo é um excelente ponto de partida para os leitores que desejam percorrer os caminhos do texto borgeano.

Referências

- BORGES, J. L. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1994.
- ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo*. (1975-2000). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PINTO, J. P. *Uma memória do mundo – ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

RODRÍGUEZ MONEGAL, E. *Borges: uma poética da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SCHWARTZ, J. (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial, 2001.

VARGAS LLOSA, M. *La verdad de las mentiras*. Barcelona: Seix Barral, 1990.

VERÍSSIMO, L. F. *Borges e os orangotangos eternos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Artigo recebido em 11/01/2011 e publicado em 1/10/2011.